



“Nenhum de vocês o conhece bem”: o estranho Sócrates segundo Alcibiades

ANDRÉ M. DECOTELLI DA SILVA *

* Doutorando em Filosofia
pela PUC-RIO

Bolsista CAPES

decotelli@gmail.com

RESUMO No diálogo platônico *O Banquete*, o personagem Alcibiades é categórico com seus interlocutores: “Porque, podem estar certos, nenhum de vocês o conhece bem” (216c). Com esta sentença, Sócrates é descrito num elogio que mais intriga do que esclarece. Com isso propomos analisar nesta pesquisa a descrição de Sócrates elaborada por Alcibiades n’*O Banquete*, em que buscaremos examinar o conjunto de práticas atópicas do personagem platônico que delineiam o seu perfil estranho e inquietante, e, ao mesmo tempo, poderoso e instigador.

PALAVRAS-CHAVE Platão, Sócrates, Alcibiades, Banquete.

ABSTRACT *In the Platonic dialogue Symposium, the character Alcibiades is categorical with his interlocutors: “Because, you may be right, none of you know him well” (216c). With this sentence, Socrates is described in a encomium that intrigues more than it clarifies. With this we propose in this research to analyze the Alcibiades description of Socrates in the Symposium, where we will examine the set of atopic practices of the Platonic character which outline his strange and disturbing profile, and at the same time, powerful and instigator.*

KEYWORDS Plato, Socrates, Alcibiades, Symposium.

INTRODUÇÃO

No célebre diálogo platônico *O Banquete*, o personagem Alcibiades é categórico com seus interlocutores: “Porque, podem estar certos, nenhum de vocês o conhece bem”¹ (216c). Com esta sentença, Sócrates foi descrito num elogio que mais intriga do que esclarece. Sócrates é estranho, inclassificável, *átomos*. Não são poucas as referências

1 Usaremos a tradução da Maria Teresa Schiappa de Azevedo, da Edições 70.

na obra platônica a atopia socrática. No *Teeteto*, o próprio Sócrates dirá de si mesmo: “Eu sou totalmente esquisito (*átomos*) e não crio senão aporia” (149a). No *Górgias*, Cálicles, após ouvir do filósofo um discurso sobre sarnas e coceiras, afirma “Tu és absurdo (*átomos*), Sócrates”. (494d).²

O termo *átomos* se apresenta como um dos favoritos de Platão, ocorrendo 230 vezes em suas obras³. Ele pode significar algo que está fora do lugar, fora do caminho, estranho, paradoxal e absurdo. Segundo Bailly⁴, é aquilo extraordinário, insólito e extravagante. Já Haddad sugere a tradução por “descabido”⁵, ou seja, como aquilo que não cabe ou que está deslocado. Vejamos agora como o termo se porta no diálogo *Banquete* de Platão.

ATOPIA NO BANQUETE

Em nenhum outro diálogo Platão é tão contundente a respeito da atopia socrática, como n’*O Banquete*. Nele, logo no início, Aristodemo teria dito surpreso a respeito de Sócrates “que o encontrara banhado e calçado com sandálias, o que poucas vezes fazia” (174a), demonstrando, conseqüentemente, que o filósofo não costumava tomar banhos e que andava descalço. Neste texto de Platão, observamos a atopia, no que tange às descrições de Sócrates, do início ao fim, tendo o termo *átomos*, ocorrência direta em três momentos distintos, todos com referência a Sócrates.

Na primeira referência, ainda no início do diálogo, Ágaton declara que o comportamento de Sócrates é *átomon*, quando este não aparece em sua casa com Aristodemo para o jantar, mas ao contrário, permanece no pátio dos vizinhos absorto em pensamentos. “Estranho, o que me contas!” (175a), afirmou Ágaton a Aristodemo.

Na segunda referência, já no discurso final do diálogo, Alcibiades falará a respeito da excentricidade (*atopia*) de Sócrates (215a), definição que será a palavra chave do

2 Sócrates foi uma contradição viva¹. Como nos adverte Wolff: “não será que a lenda socrática revela também uma verdade, a de uma personagem enigmática, cuja opacidade continha todas essas contradições, e cuja riqueza permitia todas essas tensões antagônicas?”. WOLFF, 1985, p. 14.

3 EIDE, 1996, p. 59-60. Para Eide, deve-se inclusive legar a Platão o estabelecimento deste vocábulo na literatura grega.

4 BAILY Apud HADDAD, p. 200.

5 HADDAD, 2012, p. 201

seu discurso, como afirma Vlastos⁶. A tradução de Shiappa para o termo *atopía* é “excentricidade”, denotando a figura de Sócrates como alguém que desvia do centro. Já nas traduções de José Cavalcanti e de Carlos Alberto Nunes, do mesmo diálogo, encontramos o termo “singularidade”, caracterizando que Sócrates é único, ideia que retornará posteriormente no discurso de Alcibíades, como veremos. Para explicar sua sentença, ele exemplificará que Sócrates bebe sem se embriagar (214a), fala ironicamente o contrário do que pensa (214d) e que tem o poder das palavras (215c).

Na terceira e última ocorrência direta à *atopia* socrática no diálogo *Banquete*, Alcibíades afirma: “Porém este homem, tal como aqui veem, com a sua inqualificável (*atopía*) natureza não tem paralelo possível!”. Recorrendo à imagens (*di eikonon*) em nome da verdade, Alcibíades dirá que Sócrates é praticamente incomparável. Sobre o filósofo, ele ainda afirmará que “por mais que alguém procure, não encontra de certeza, nem entre os antigos nem os de agora, uma imagem sequer aproximada, a não ser talvez nos tais silenos e sátiros.” (221d). De forma imagética, provavelmente em função da dificuldade em se definir Sócrates, Alcibíades encontrará apenas nos silenos e sátiros um possível paralelo com o filósofo. Tal esforço alcibidiano, demonstra o seu estado de perplexidade diante de Sócrates, uma vez que o contato com ele produz em si uma espécie de estado de *aporía*.

Para Schlosser⁷, a *aporía* corre em paralelo com à *atopía* durante todo o discurso de Alcibíades no *Banquete*. A qualidade atópica socrática afeta diretamente seus interlocutores, gerando a experiência da *aporía* nestes a respeito da identidade do filósofo e diante do rumo que se deve dar a conversa. Tal efeito aporético nos interlocutores pode também ser visto no *Mênon*, quando segundo o personagem homônimo, Sócrates se assemelha a uma raia elétrica, entorpecendo e paralisando quem dela se aproxima e a toca. Neste diálogo, Sócrates só aceita a comparação, se nela estiver implícito que ele próprio se encontra em *aporía*, e portanto, como consequência de seu próprio estado, afetando e contagiando, assim, os demais. Voltando ao *Banquete*, segundo Alcibíades, ao ouvir Sócrates, sua alma se agitava, seu coração batia mais forte e emocionado, suas lágrimas caíam de forma que lhe “parecia impossível continuar a levar a

6 VLASTOS, 1991, p. 1

7 SCHLOSSER, 2009, p. 11

vida que levava” (216a). Por outro lado, através deste misto de emoções que Sócrates causa, Alcibíades é levado a sentir vergonha de si mesmo. Como aponta Hadot:

No fim das contas, após ter dialogado com Sócrates, seu interlocutor toma distância em relação a si mesmo, desdobra-se, uma parte de si mesmo identificando-se, de agora em diante, com Sócrates no acordo mútuo que este exige de seu interlocutor em cada etapa da discussão. Opera-se nele uma tomada de consciência de si; ele se põe a si mesmo em questão.⁸

O primeiro contato com Sócrates gera ao interlocutor um depressivo senso de desamparo. Mas ao mesmo tempo, o efeito de Sócrates nos interrogados é tanto a raiva contra ele (vide o desfecho de sua vida), como contra si próprio, como aponta o discurso de Alcibíades. Só se pode caminhar com Sócrates aquele que reconhece sua ignorância, tolíce e que precisa de ajuda. A consciência da ignorância é o obstáculo perfeito para a filosofia.

Retornemos a imagem dos sátiros e silenos. Ainda segundo Hadot, “os silenos e sátiros eram na representação popular demônios híbridos, metade animais, metade humanos, que formavam o cortejo de Dionísio”⁹. Em uma primeira instância, esta comparação se remeteria apenas aos aspectos físicos de Sócrates, que a semelhança com os sátiros e silenos, tinha seus olhos salientes, nariz achatado, cabeça calva e lábios grossos. Mas entendemos que tal imagem aponta também para elementos potentes da personalidade e da atuação socrática.

Os silenos eram representados por estátuas ocas que eram utilizadas como estojos para guardar figuras de deuses, trabalhadas em ouro e outros metais preciosos.¹⁰ Segundo Hadot, silenos representavam a bufonaria grotesca¹¹. No entanto, ele chama a atenção para a questão de que a figura do Sileno é apenas uma aparência que esconde outra coisa: “a aparência quase monstruosa, feia, bufona, impudente, é apenas uma fachada e uma máscara”¹². A referência aos silenos implica para Alcibíades que Sócrates esconde algo. Sua imagem grotesca não revela quem é, aliás, dissimula sua essência.

8 HADOT, 1999, p. 55-56

9 HADOT, 2012, p. 9

10 SCHIAPPA, p. 89

11 HADOT, 2012, p. 9

12 Ibidem, p. 10

O que vocês veem não é senão o invólucro de que se rodeia, tal como o sileno esculpido. Mas, uma vez aberto, imaginam, caros convivas, até que ponto o seu interior transborda de temperança? (216d).

Com isso, o jogo que ocorre na relação entre Sócrates e o interlocutor é engendrado também pela perplexidade, uma vez que o que aparenta ser, não o é, e volta a ser outra vez e assim de forma contínua na relação dialética socrática. Como sinaliza Hadot, “A máscara, o *prósopon*, de Sócrates, desconcertante e inatingível, introduz uma perturbação na alma do leitor e a conduz a uma tomada de consciência que pode ir até a conversão filosófica.”¹³ Na mesma direção segue Duhot:

O Alcibíades de Platão apresenta Sócrates como um personagem desconcertante, cujo interior não corresponde de modo algum ao exterior, porque a feiúra física mascara uma beleza interior sem igual. A caça ostensiva aos rapazes que não resulta nunca em outra coisa a não ser em uma educação filosófica que faz parte dessa máscara.¹⁴

A máscara socrática opera em diversos aspectos, dentre eles, e provavelmente o mais marcante, na direção da célebre *euroneia*. A imagem do sileno proposta por Alcibíades aponta para uma ação deliberada e constante de Sócrates através da ironia, pois ele dissimularia sua ignorância e impudência, e ele passaria o tempo todo a brincar e a fingir-se de ignorante (216e).

A ironia socrática consistiria em simular aprender alguma coisa de seu interlocutor, para levá-lo a descobrir que não conhece nada no domínio do que pretende ser sábio. Com isso, para Alcibíades, a sua suposta ignorância socrática poderia ser interpretada como puro fingimento. Seus interlocutores sentiam que, por trás da ironia, da máscara de falsa modéstia, Sócrates na verdade estava rindo deles. Sintomática foi a fala de Trasímaco na *República*: “A estas palavras Trasímaco prorrompeu em riso sardônico: ‘Ó Héracles! Exclamou, ei-la, a habitual ironia de Sócrates! Eu já sabia e predissera a esses jovens que não quererias responder, que simularias ignorância, que tudo faria para não responder às perguntas que te fossem apresentadas.” (337a).

A ironia é a verve socrática que incomodará os interlocutores de Sócrates, como Platão relatou através da fala de Alcibíades: “Ele passa sua vida inteira fazendo de seus

¹³ Ibidem, p. 11

¹⁴ DUHOT, 2004, p. 65

semelhantes, os seres humanos, o objeto de sua ironia e de sua troça. Ignoro se alguém mais o colheu num momento de seriedade, abriu-o e viu as estatuetas no seu interior.” (216e). Esta atitude socrática se assemelha à imagem do bufão, como aponta Santoro ao rememorar o texto da *Apologia*: “Sócrates é um bufão que escarnece dos seus acusadores e suas acusações, mas pelo tom irônico do seu discurso, escarnece muitas vezes também de todo o tribunal e de sua sentença.”¹⁵. Sócrates instrumentaliza sua ironia desde debates simplórios, até mesmo diante de poderosos que podem sentenciá-lo à morte. Segundo Santoro, na *Apologia* não só toda a defesa de Sócrates no tribunal é irônica, na busca de ridicularizar os seus acusadores, como a sua morte também o é, pois dá a ele a oportunidade da ação política de que sempre se esquivou em vida, já que buscava apenas a conversa com particulares. No tribunal, o ápice de sua troça se deu quando propôs ironicamente que sua pena fosse ser sustentado no Pritaneu, prêmio que se oferecia aos vencedores das competições olímpicas. Na *Apologia* é exposta a radicalidade da missão socrática, uma vez que, como aponta Santoro, “não respeita nada, que põe os jovens contra os velhos (...), ironiza sobre crenças e troça da educação tradicional. A reação anti-intelectualista não teve qualquer dificuldade em atacar Sócrates visto que a opinião popular estava há muito preparada para ver nele um inútil parlapatão”¹⁶. Aliás, esta imagem do bufão socrático recuperada por Santoro já foi destacada também por Nietzsche, que afirmou em “*O problema de Sócrates*” que o dialético parecia como uma espécie de palhaço: “ri-se dele, mas não se o leva a sério. - Sócrates foi o palhaço que se fez levar a sério”¹⁷.

A máscara socrática é parte importante da atopia de Sócrates, pois este permitia, através da sua máscara irônica, ser, numa primeira instância, ridicularizado, mas tolerava todos esses abusos estrategicamente e pacientemente, e se podemos confiar no relato de Diógenes Laércio, “ele era capaz de desdenhar quem o ridicularizasse.”¹⁸ Mesmo sendo Sócrates um indivíduo estranho e inclassificável, é inegável que o seu efeito nos que se permitiam ser picados pelo moscardo (*Apologia*, 30e), era de uma conversão à vida filosófica e suas razões mais profundas. Como aponta Alcibíades no *Banquete*, ao comparar Sócrates com os sátiros, afirma que ele parecia ao interlocutor, a um pri-

15 SANTORO, 2005, p. 3

16 WOLFF, Op. Cit., p. 73

17 NIETZSCHE, 1976, p. 20

18 LAÉRCIO, II, 21

meio momento, dizer coisas apenas risíveis como ao falar de burros, de animais de carga, de ferreiros, de sapateiros, de correeiros, etc. (221e). Mas, posteriormente, se perceberá que “só essas conversas plenamente divinas, encerram em si as mais variadas imagens de virtude e se elevam ao mais alto ponto – melhor dizendo, a tudo o que importa observar, quando se pretende vir a ser um homem de bem!” (222a). Com isso, a atopia socrática, partindo do inesperado, rumo para o âmagos existencial nos interlocutores, afetando-os de forma definitiva. Conforme é destacado no diálogo *Laques*:

quem se aproxima de Sócrates e conversa com ele, cara a cara, acabará por ser arrastado por ele para uma conversa em círculos que não para até ser levado a dar uma justificativa sobre si mesmo, sobre a maneira como passa atualmente seus dias, e sobre o tipo de vida que levava anteriormente; e depois de tê-lo conduzido até aí, Sócrates nunca mais o deixará partir até que ele tenha testado todas essas coisas completa e apropriadamente. (187e)

Retornando a Alcibiades, o vemos no *Banquete* afirmar que o resultado da “mordida” socrática em sua vida foi a dor de partilhar do delírio e da divina loucura da filosofia. Sócrates, que é chamado de “verdadeiramente divino” (219c) por Alcibiades, é também mascarado por *Eros*, o deus intermediário. A máscara da ironia é, então, sobreposta por outra, uma vez que a afetação socrática por *Eros* é também circunscrita numa dimensão irônica: tal como Sócrates finge sua ignorância diante do outro, ele também dissimula estar enamorado por Alcibiades, como bem elabora Hadot:

Na ironia amorosa, Sócrates aparenta, por suas declarações amorosas, desejar que aquele que finge amar lhe dê não tanto seu saber, mas sua beleza corporal (...). Dessa vez, o amado, ou o pretendido como tal, descobre pela atitude de Sócrates, que é incapaz de satisfazer o amor de Sócrates, pois não tem em si a verdadeira beleza. Descobrendo então o que lhe falta, ele se enamora por Sócrates, isto é, não pela beleza, pois Sócrates não a tem, mas pelo amor que é segundo a definição dada por Sócrates no *Banquete*, o desejo da Beleza da qual se está privado.¹⁹

No *Banquete*, o discurso acerca do amor promovido por Sócrates, retomando a eventual conversa que teria tido com Diotima, é marcado pelas semelhanças com que o próprio Sócrates tem com o *Eros* diotimiano. Assim como *Eros* busca apenas aquilo que lhe falta, Sócrates é o homem que busca a sabedoria que não tem. Tal como *Eros*, Sócrates

19 HADOT, 2012, p. 29-30

vive descalço, é rude e sem beleza aparente. Igualmente à Sócrates, Eros é *átomos*, pois não é deus, nem homem, nem belo, nem feio, nem sábio, nem bom, nem mau. Sua característica mais marcante será o seu desejo. Sempre se lançando à frente, Eros é como Sócrates, o amante da sabedoria, que ama por que não a tem. De igual maneira, Eros e Sócrates são caçadores sedentos pelo saber e passam a vida inteira a filosofar. Sócrates e Eros não tem classificação, são estranhos, mas essenciais à vida verdadeira.

Sócrates como a personificação de Eros faz com que a filosofia apresente uma natureza intrinsecamente erótica, cujos traços distintivos são representados por uma condição de falta, ou seja, de não auto-suficiência, pela consciência deste déficit e pela tensão para a sua supressão. Tal como Eros, Sócrates é ignorante, já que “os seus achados escapam-lhe continuamente das mãos, de tal sorte que nunca se encontra na indigência nem na riqueza: antes, num meio termo que é, de igual modo, entre a sabedoria e ignorância (203e).

Por fim, uma outra definição de Eros que podemos associar a Sócrates, segundo o discurso de Alcibíades, será a sentença de que ele é também um hábil feiticeiro e um mago. Sobre esta expressão, pode-se afirmar que ela evoca, com certa ironia, o poder mágico no amor. Não poderíamos deixar de mencionar que Sócrates é associado a este poder em diversos momentos nos diálogos platônicos²⁰, inclusive pelo próprio Alcibíades no *Banquete*. Sócrates tem um encanto mágico, que se assemelha ao poder dos xamãs. Como aponta Duhot, “Sócrates cura a alma pela palavra, como os xamãs curam por seus encantamentos”.²¹ Esta relação, já desenvolvida por diversos comentadores²², se dá numa dimensão dialética, uma vez que o jogo retórico que Sócrates desenvolve é uma espécie de terapia curativa da alma. Se o poder dos sátiros era realizado através dos seus instrumentos, Sócrates utiliza a palavra, “essas conversas, plenamente divinas” (*Banquete*, 222a), para enfeitiçar seus ouvintes.

20 “Ouvindo-te parece que fui drogado. Tu me enfeitiçastes tão bem que não sei mais o que penso” (*Mênon*, 80a); “Mas a alma só pode ser curada por meio de discursos que agem como encantamentos” (*Cármides*, 156e)

21 DUHOT, Op. Cit., p. 80

22 Cf. GRIMALDI, 2006 e DUHOT, 2004

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no *encomium* de Alcibiades presente n' *O Banquete*, observamos que Sócrates é estranho, pois é híbrido como os sátiros, meio divino e meio monstruoso, meio homem e meio animal. As palavras de Alcibiades são embebecidas de raiva e paixão, afetação e ridículo. Sócrates, este estranho é incognoscível, não pode ser locado, definido, delimitado. Sócrates é um grande mistério. Como os sátiros, não é homem nem animal. Como *Eros*, não é humano, nem divino. Terminamos essa breve provocação, com as palavras de Cooksey, “Sócrates é Sócrates, único, auto-definível, uma tautologia.”²³

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓFANES. *As Nuvens*. Trad. e notas Gilda M. R. Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- DUHOT, J-J. *Sócrates ou o despertar da consciência*. São Paulo: Loyola, p. 2004
- EIDE, Tormod. *On Socrates' Atopia*. Symbolae Osloenses. Vol. 71 (1996), 59 – 67.
- GRIMALDI, N. *Sócrates feiticeiro*. São Paulo: Loyola, 2006
- GUTHRIE, W. K. C., *Socrates*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- HADDAD, A. A NARRATIVA DE CRÍTIAS, UMA “ATOPIA”. *Kléos*, n.16/17: 199-213, 2012/13
- HADOT, P. *Elogio de Sócrates*. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____, Pierre. *O que é filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1999.
- JAEGGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KAHN, C.H. *Plato and the Socratic Dialogue. The philosophical Use of a Literary Form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- KIERKEGAARD, S. A. *O Conceito de Ironia - constantemente referido a Sócrates*. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

²³ COOKSEY, p. 103

LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Ed. UnB, 2008.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Hemus, 1976.

PLATÃO, *Banquete*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: EDUFPA, 2001.

_____. *Apologia de Sócrates; Críton; Laquês; Cármides; Lísias; Eutífron; Protágoras; Górgias*; In: Diálogos. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1970.

_____. *Laques*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: EDUFPA, 2016.

SANTORO, Fernando. “Risos no Tribunal : as referências de Sócrates à comédia e a Aristófanes, na Apologia”. in: *Memória & Festa*, org. Fábio S. Lessa e Regina C. Bustamante, Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 606-611.

SCHLOSSER, *An atopic Socrates. Engaging Socrates strangeness*. Paper presented at the American Political Science Association Annual Conference in Toronto, Canadá. September, 2009.

TREDÉ, M. In: COLLOQUE INTERNATIONAL LE RIRE DES ANCIENS, 1995, Rouen. *Le rire des anciens: actes du colloque international*. Paris: Presses de L'École Normale Supérieure, 1998.

XENOFONTE, *Banquete, Apologia de Sócrates*. Trad. Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

VLASTOS, Gregory. *Socrates. Ironist and moral philosopher*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.